

Baianidade empática de Sérgio Mattos

José Marques de Melo

(Presidente de Honra da INTERCOM Docente-Fundador da ECA-USP e Pesquisador integrante da Equipe co-fundadora do LABJOR-UNICAMP, foi Presidente da Comissão do MEC que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, exercendo atualmente o cargo de Diretor-Titular da Cátedra UNESCO-UMESP de Comunicação).

Geralmente avaliadas pela oportunidade da sua circulação, as autobiografias continuam a suscitar interesse coletivo. Como se trata de narrativas personalizadas, cabe exclusivamente aos autores-protagonistas decidir quando devem ser liberadas para consulta ou reprodução.

Esse tipo de obra literária motiva em geral as pessoas que possuem vida pública: artistas, políticos, famosos. Suas autobiografias quase sempre representam um acerto de contas, seja com o seu tempo, a sua comunidade ou com a sua própria consciência.

Por isso mesmo, suas narrativas abrangem duas categorias: autobiografias precoces ou tardias. A fronteira entre elas configura-se, não pelo calendário, mas pela maturidade.

A preocupação consensual dos autores que se dão o desfrute de fazer da própria vida o foco dessa natureza de discurso retrospectivo não é outra senão definir o próprio lugar na História.

Uns denotam pressa memorialística, como é o caso de Vamireh Chacon. Temeroso de virar “sombra”, o intelectual pernambucano, ao completar 50 anos de idade, acolheu a lição de Thomas Mann, inventariando as “sombras que o acompanham”.

Sua *precoce* autobiografia - *O poço do passado* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984) pertence à mesma linhagem do memorialismo *tardio* do polemista Paulo Duarte, que reuniu vagarosamente suas lembranças do

passado em 10 volumes seqüenciados, com o selo da Editora Hucitec. Lidos e comentados em todo o país, a editora na verdade dava a impressão de fazer a ponte entre o autor e seus leitores críticos, aplainando o terreno para futuros biógrafos.

Tais reflexões foram alavancadas pela leitura dinâmica que fiz do mais recente livro escrito pelo meu biógrafo e amigo Sérgio Mattos, o cearense que conquistou a cidadania baiana por méritos indiscutíveis.

A *baianidade* de Sérgio Mattos foi sendo forjada na esteira do nomadismo visceral a que foi submetida sua família pelo “espírito cigano” do seu pai. Funcionário lotado na IBM, José de Castro Mattos, mais conhecido como Zebinha, condicionava seu exercício profissional a uma geografia incontornável e imprevisível.

Se essa mobilidade habitacional produziu distúrbios comportamentais gerados pela desterritorialização cognitiva do infante Serginho ou desencadeou traumas culturais no adolescente Sérgio Mattos, pressionado pela radical mutação ecológica de usos e costumes, não resta dúvida sobre os ganhos civilizatórios contabilizados pelo cidadão na idade adulta.

Beneficiado pela capacidade empática adquirida ao longo da experiência migratória, o catedrático Sérgio Augusto Soares Mattos converteu-se em cidadão do mundo, com direito a cadeira cativa na vanguarda internacional das Ciências da Comunicação, como bem o atesta a conquista do Prêmio Luiz Beltrão no ano 2000.

Esta é a mensagem transmitida pelo escritor Sérgio Mattos em sua fascinante aventura autobiográfica contida no livro *Vida Privada no Contexto Público* (Salvador, Quarteto Editora, 2015), que desponta como forte candidato ao Prêmio Jabuti 2016. Vale a pena ler e desfrutar; anotar e conferir.

São Paulo, 23 de novembro de 2015
